

**AFONSO DUARTE**

**OBRA POÉTICA**



BIBLIOTECA DE **AUTORES**  
**PORTUGUESES**

**AFONSO DUARTE**

**OBRA POÉTICA**

Introdução, fixação do texto, registo de variantes  
e apêndices de JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA

**EDIÇÃO CRÍTICA COMEMORATIVA  
DO CINQUENTENÁRIO DA MORTE DO AUTOR**

**IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA**

LISBOA

2008

## INTRODUÇÃO

1. *O sincretismo neo-romântico que hoje o soneto «Inscrição» estatui, como pórtico de Os 7 Poemas Líricos, tinha no início da carreira de Joaquim AFONSO Fernandes DUARTE (Ereira, 1884-Coimbra, 1958) desenvolta manifestação na profusa colaboração que de 1910 em diante dava não só à capital A Águia, mas a quase todas as revistas que a acompanham ou se lhe seguem, em Coimbra (A Farsa, Alma Académica, Dionysos, Gente Nova, A Rajada, cuja 1.<sup>a</sup> série dirige, etc.) e pelo país fora (O Ave minhoto, A Labareda portuense, a Gente Lusa, etc.). Afonso Duarte movia-se, de resto, nessa colaboração literária à imagem do descomprometimento ideológico, mas em atitude crítica, com que, então como doravante, resguarda as suas ligações ao meio estudantil, em particular com o grupo dos «Esotéricos» (hegemonizado pelos futuros integralistas).*

*O mesmo sincretismo neo-romântico houvera talvez marcado o poema Visitação da morte que desde 1903 tentara, em vão, realizar; e encontra já acolhimento na compleição originária do Cancioneiro das Pedras (Lisboa, 1912), composto por alguns dos poemas de 1906 a 1910, posteriores aliás aos outros versos adolescentes de umas repudiadas Composições verdes e a prosas não menos incipientes. Desse primitivo Cancioneiro das Pedras viria o poeta a destacar, aquando da organização de Os 7 Poemas Líricos nas edições da Presença (1929), muitos textos para o Romanceiro das Águas, para o Episódio das Sombras, para o Ritual do Amor. Boa parte dos poemas que integrarão a Tragédia*

do Sol-Posto (Coimbra, 1914) e a Rapsódia do Sol-Nado seguida do Ritual de Amor (Porto, 1916) datam também do período juvenil e dispersam-se já por aquelas revistas.

Logo em 1911, o mais notável estudo da época sobre as tendências emergentes na literatura portuguesa — A Nova Geração de Veiga Simões — já qualificava o primeiro Afonso Duarte no alto nível de uma plêiade de novos poetas próximos de Pascoaes (junto a Jaime Cortesão, Mário Beirão, Augusto Casimiro); e na Água Lustral de 1913 era ainda a recepção de Cancioneiro das Pedras que levava Artur Ribeiro Lopes a considerar Afonso Duarte «o maior instinto poético do momento». À medida que mais colabora n'A Águia, na Dionysos e n'A Rajada, a sua poesia parece predisposta a identificar-se com o Saudosismo, mas o seu encanto (por vezes pávido) com o mundo físico preserva sempre uma irreduzível singularidade e alguma abertura para marcas tradicionalistas, mais próprias de colaboradores lusitanistas d'A Águia (Afonso Lopes Vieira, António Corrêa d'Oliveira e seus discípulos) como se vê por 1912 também na colaboração de Afonso Duarte na Alma Académica. Desde então até às sequelas imediatas da publicação da Tragédia do Sol-Posto, acentuam-se os parentescos com o expressionismo saudosista e ainda mais os gestos de vontade de incorporação de Afonso Duarte no cânone dessa corrente neo-romântica, por parte de Pascoaes (no primeiro grande Inquérito Literário do tempo, conduzido por Boavida Portugal em 1912 no República e em 1914 em livro, e depois n'O Génio Português..., de 1913), por parte de Leonardo Coimbra (n'O Criaçionismo de 1912), etc. Já a Rapsódia do Sol-Nado seguida do Ritual de Amor recebe n'A Águia um elogio não isento de reticências; e, efectivamente, por 1915-1916, quer n'A Águia, quer noutras revistas como A Labareda ou Gente Lusa, os versos publicados por Afonso Duarte tendem para o compromisso entre pendoros saudosistas e lusitanistas, em particular no tratamento da temática amorosa; e isso mesmo se confirma n'A Águia, com a passagem para os anos 20. No entanto, na teoria d'Os Poetas Lusíadas (conferências de 1918, livro de 1919) Teixeira de Pascoaes continua a atribuir a Afonso Duarte lugar relevante entre os representantes do período «neo-sebastianista» da história poética portuguesa; e Afonso Duarte parece querer corresponder, por 1920, n'A Tradição de Coimbra com o alto soneto «Visão», e por 1922, n'A Nossa Revista do Porto, com o ex-voto expressionista «Diante da paisagem de Inês de Castro».

*De novo, porém, não abdica do pendor proteiforme de base neo-romântica, ao mesmo tempo que começa a cultivar um tom gnômico na 3.<sup>a</sup> série d'A Águia e na coetânea fase inicial da Seara Nova. Compreende-se, de resto, que o magistério a que desde 1914 se entrega Afonso Duarte, e que o leva a jornadas pelo Norte (até ao regresso a Coimbra por 1919, ultrapassada uma crise de paraplegia e outras vicissitudes), só podia trazer reforçadas motivações à sua sensibilidade poética, em efectiva correlação com trabalhos de índole pedagógica e etnográfica, dados a conhecer através de artigos dispersos (no Tríptico e em Voz de Coimbra, na Presença e em Os Novos, na Seara Nova e em Portucale, n' O Recreio e n' O Instituto, etc.) ou sob a forma de opúsculos (Barros de Coimbra, 1925; Desenhos Animistas de uma Criança de 7 Anos, 1933; O Ciclo do Natal na Literatura Oral Portuguesa, 1936; Um Esquema do Cancioneiro Popular Português, 1948, etc.).*

*Afonso Duarte não teve de avançar muito no percurso do seu trajecto literário para se revelar poeta em que confluem o rigor da escrita com os cuidados postos numa invulgar ordenação interior da Obra.*

*Após o temporão senso (auto)crítico demonstrado pelo repúdio das incipientes primícias, os sucessivos livros de versos que publica nos anos 10 correspondem com presteza, sem dúvida, ao fluxo abundantíssimo de produção lírica nessa fase de primeira maturação estético-literária. Mas nem então Afonso Duarte desliza para o mero afã de recolha sôfrega dos textos dispersos e inéditos, antes ensaia já os procedimentos, ao depois decisivos, de selecção, recolocação e adaptação dos poemas e suas sequências. Essa orientação vai decerto receber o influxo da evolução estético-literária do poeta — ela mesma resultante da actualização consequente de tendências pessoais em interacção com o devir da literatura contemporânea e a dinâmica do campo literário português.*

*Por isso, sem nunca deixar de produzir e de publicar esporadicamente por revistas e jornais, Afonso Duarte terá resolvido sobrestar quanto à organização de novos livros de poemas — como que dando-se um tempo de clarificação dos valores temático-formais do seu próprio lirismo, e de definição dos horizontes da sua recepção no âmbito da vida literária nacional, então indecisa entre epigonismos naturalistas e simbolistas, arrastamentos decadentistas, continuidades neo-românticas, inovações moder-*

*nistas, rupturas vanguardistas... e tropismos de inócua absorção de tudo isso no bem composto melting pot do academismo literário.*

*Quando, treze anos transcorridos sobre a saída do seu terceiro livro de poemas, dá à estampa Os 7 Poemas Líricos, Afonso Duarte patenteia o trabalho de selecção e recomposição conduzido por uma vontade de ordenação metacronológica dos textos líricos e do seu correlato reafeiçoamento (condicionado também pelo novo valor funcional que lhes advém da colocação de cada um na nova concepção sequencial). Os livros publicados em 1912, 1914 e 1916 (pela organização serial das suas partes e até pelo gosto do soneto proemial, de acordo com a tradição da forma cancionero), bem como os novos títulos então anunciados, já obedeciam, embora mitigadamente, a essa tenção que impera em Os 7 Poemas Líricos.*

*O que aí opera — e transparece, desde logo, na denominação de «Poema» para cada uma das sete sequências textuais — é o princípio estruturante que supera o modelo de colectânea em ordem à coerência própria do macrotexto, com todas as implicações semântico-pragmáticas da topologia serial e da sucessão temporal nas leituras linear e tabular. Por isso, não se trata só de o autor integrar n'Os 7 Poemas Líricos, como suma do «primeiro ciclo da sua Obra Poética», «versos publicados depois [de 1916] em revistas» (mas não, note-se, aqueles que nos anos 20 relevam já de outra fase da trajectória literária de Afonso Duarte, com importante sintonização do advento do Segundo Modernismo e suas assimilações selectivas de vectores neo-românticos). Trata-se também de, nesse ensaio de constituição da Obra global, se ver remodelado o corpus dos livros publicados entre 1912 e 1916, junto com textos inéditos oriundos de diferentes colectâneas. Assim, quando, um quarto de século volvido, surgir a ideia de organização global da Obra Poética, esse desígnio de Carlos de Oliveira e João José Cochofel vem ao encontro da determinação pessoal de Afonso Duarte, que toma parte activa na compilação e fixação dos textos e, sobretudo, tem a palavra decisiva (acertada em diálogo com os devotados discípulos) quanto à ordenação metacronológica das obras no seio da Obra — com especial cuidado nos efeitos de leitura potenciados pelo remate dessa Obra pelo tríptico de redondilhas visionárias e oraculares.*

*De tudo isto decorre que, ampliando e aprofundando o programa macrotextural de Os 7 Poemas Líricos, a codificação glo-*

*bal da Obra Poética se impõe como quadro primaz do nosso reencontro com a criação lírica de Afonso Duarte. Sem prejuízo da atenção a outros elementos diassincrónicos da sua produção, preteridos e deixados pelo caminho, é esse o indispensável frame da relação hermenêutica e crítica para que essa criação lírica nos solicite.*

*Por conseguinte, embora adiante nos empenhemos no introdutório estudo da configuração histórico-literária da poesia de Afonso Duarte, importa sublinhar aqui que a Obra Poética ganha densa coesão através da recorrência evolutiva de motivos e imagens, muitas vezes sob a forma lata de variação (na acepção conceptualizada oportunamente por Jacinto do Prado Coelho), outras vezes sob forma de citação homoautorial (e nalguns casos esse jogo citacional afirma-se logo nos paratextos, em especial nas epígrafes de sequências poemáticas, como acontece com o excerto de Cancioneiro das Pedras no limiar de Sibila).*

*2. Torna-se nuclear na lírica duartina a constituição de cadeias de temas e estilemas, que centram, correlacionam e dimensionam os demais elementos textuais, ao mesmo tempo que progressivamente se formam (também no sentido de que se deixam redefinir por cada novo ou renovado elemento).*

*Desde a «Inscrição» preliminar — tão indicativa da função de abertura estrutural da intencionada unidade macrotextual, sobretudo ao adoptar, como a Clepsidra do admirado Pessanha, aquele título em detrimento do título originário —, evidencia-se esse modus essendi de Obra Poética de Afonso Duarte.*

*A marca mais impressiva da abertura da Obra Poética de Afonso Duarte é, sem dúvida, a recorrência do «vento» em contraste com o seu quase total desaparecimento nos textos posteriores. Os primeiros quatro poemas concedem-lhe sempre papel fulcral; o último deles regista mesmo no título («O que me diz o vento») que, de força agente da Natureza com enormes incidências na vida do sujeito da elocução poética, mas ainda não em relação directa com ele, o vento passa a pólo dialógico do mesmo sujeito. Antes dessa alteração de estatuto na estrutura poemática, que por seu turno precede significativo eclipse, podemos dizer que a função do «vento» é sempre idêntica, realizando a elocução poética variações dessa presença idêntica; e a condição do vento no poema referido é um aprofundamento dessa função anterior.*

## ÍNDICE



<i>Introdução,</i> por JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA .....	7
Nota sobre a presente edição .....	43
Tábua biobibliográfica de Afonso Duarte, por Carlos de Oliveira e João José Cachofel .....	45

### OS 7 POEMAS LÍRICOS

#### CANCIONEIRO DAS PEDRAS:

Inscrição .....	53
Evocação dum rochedo .....	54
Seguidilhas .....	57
O que me diz o vento .....	59
Lápides .....	61
Estâncias da montanha .....	68
Estrofes pagãs .....	72

#### ROMANCEIRO DAS ÁGUAS:

Águas passadas .....	83
O cântaro da água .....	85
Rimance .....	88
Ilha dos Amores .....	92
Terras do Infantado .....	94
Invernias .....	97
Diálogo com a minha terra .....	98
Búzio do mar .....	100

Génio da raça .....	102
Vos omnes qui transitis .....	104
Rústica .....	105
Pastoral .....	106
Poesia da árvore sob o culto lusíada .....	107
Aguarelas e águas-fortes .....	110
RAPSÓDIA DO SOL-NADO:	
Oração .....	129
Salmos ao Sol .....	130
Versos da madrugada .....	132
Romper da alva .....	133
Em louvor do Sol .....	134
Elegia do cavador .....	137
Árvore de sombra .....	139
Toada em bordão .....	140
ALEGORIA DA TARDE .....	143
TRAGÉDIA DO SOL-POSTO:	
Prólogo .....	153
Tragédia do sol-posto .....	154
Prelúdio ante o crepúsculo .....	161
Orla marítima .....	164
Plenilúnio .....	166
Hora mística .....	168
Canto da noite para as estrelas .....	169
Epílogo .....	172
EPISÓDIO DAS SOMBRAS:	
Boca da noite .....	179
Horas de saudade .....	181
Magia dos pirilampos .....	183
O medo das sombras .....	184
Noite do roubo .....	187
Natal .....	188
RITUAL DO AMOR:	
Memória .....	193
Pérola de orvalho .....	195
Carta a um «amor» .....	197
Amor .....	199
Vitral .....	201

Paisagem única .....	203
Amor .....	205
Canção .....	209
Outonal .....	211
Provençal .....	212
Claro-escuro .....	215
Amor .....	216
Carta de amor .....	217
Canção .....	221
Contraste .....	222
Naufrágio .....	223
Ninho desfeito .....	226
Visão .....	227
O meu romântico .....	229
Hora antiga .....	230
Parque de Santa Cruz .....	231
Cantigas .....	233
Desgarradas .....	235
Canção do nu .....	237
A morte da rola .....	238
Rosas e cantigas .....	240

## OSSADAS

Súplica .....	245
---------------	-----

### LIVRO PRIMEIRO:

Cântico .....	249
Grito .....	251
Estepa .....	253
Calai .....	255
Riso .....	257
Humana condição .....	258
Agnus Dei .....	259
Canção da vida .....	261
Epigrama .....	264
Monólogo interior .....	265
Memento .....	266
Herói .....	267
Goivos .....	268
Versos brancos .....	269
Ideias .....	270
Tempo perdido .....	271

Parábola .....	272
Jesus .....	273
Ode .....	274
Ritmo .....	276
Cantar da solidão .....	277
Duas quadras .....	279
Desconcertante .....	280
Diálogo .....	281
Sentença .....	282
Horário .....	283
Estiagem .....	285

LIVRO SEGUNDO:

Canção de el-rei Dinis .....	289
Primavera .....	291
Aldeia .....	293
Sesta .....	294
Canção de berço .....	295
Outono .....	297
Andorinhas .....	298
Paisagem .....	299
Charcos ao luar .....	300
Insónia .....	301
Inocência .....	302
Poeta .....	303
Flor .....	304
Coruja .....	305
Três estâncias .....	306
Campo .....	307
Bucólica .....	308
Línguas de fogo .....	310
Interiores de minha casa .....	313
Monte-mor .....	315
Cabelos brancos .....	317
Soneto de Ereira .....	319

**POST-SCRIPTUM DE UM COMBATENTE**

Epígrafe .....	323
I:	
Post-scriptum de um combatente .....	327

II:		
	Poesia .....	331
	Máxima .....	332
	Recordação .....	333
	Carne .....	334
	Sentença .....	335
	Canção idílica .....	336
	Madrigais .....	337
	Imagem .....	338
III:		
	Desencanto .....	341
	Soneto .....	342
	Uma noite .....	343
	Mundo selvagem .....	345
	Morada .....	346
IV:		
	Eugénio de Castro .....	349
	4 de Junho de 1944 .....	350
	Gomes Leal .....	351
	Saudação a Pascoaes .....	352
	Coimbra .....	353
V:		
	Terra natal .....	357
	Crucifixo .....	358
	Mote e glosa .....	359
	Oitavas .....	360
	Divindade da terra .....	361

## O ANJO DA MORTE E OUTROS POEMAS

O ANJO DA MORTE .....	365
OUTROS POEMAS:	
Clima .....	371
Sei doçuras do céu .....	372
Enquanto vida .....	373
Demónio .....	374
Alto e bonito .....	375
Sol .....	376

Palavras .....	377
Soneto para um busto .....	378
Elos .....	379
Parábola .....	380
Uma quadra .....	381
Intermezzo .....	382
In extremis .....	383
Porque morri.....	385
Rio sem foz .....	386
Luz de cima .....	387
Mística .....	388
Madrugada .....	389
Páscoa .....	390
Musa familiar .....	391
Para Constança .....	392
Saúde .....	393
Teus versos?.....	394
Canto para Jacinto e Lígia .....	395
Pétala de rosa .....	396
«Lembrança» de Zur-Aida .....	397
Resposta a uma carta .....	398
Ode a Lígia .....	399
31 de Março de 1949 .....	400
Duas palavras para Cecília .....	401
Teixeira de Pascoaes .....	402
Epigramas e sátiras .....	404

### LÁPIDES E OUTROS POEMAS (1956-1957)

#### LÁPIDES:

I.....	411
II .....	412
III .....	413
IV .....	414
V.....	415
VI — Rosas brancas .....	416
VII .....	417
VIII.....	418
IX — Ode epigramática .....	419
X.....	420
XI .....	421
XII — Versos sangrados .....	422
XIII — Pupila .....	423
XIV .....	424

OUTROS POEMAS:

Homenagem .....	427
Columba mística .....	428
Ditirambo .....	429
Aura crepuscular ou visitaç�o da morte .....	430
Ave inquieta .....	431
Rosette .....	432
Tempos .....	433
Ode sp�tznika .....	434

**SIBILA**

[Trinta e cinco redondilhas fingidas e um soneto verdadeiro]	439
--	-----

**CANTO DE BABIL NIA**

[Redondilhas] .....	451
---------------------	-----

**CANTO DE MORTE E AMOR**

Prel�dio .....	465
Mater dolorosa .....	466
Cantar d'amigo .....	467
Canto de morte e amor .....	469

*AP NDICES*

Apéndice I — Poemas juvenis dispersos .....	479
Apéndice II .....	489
Apéndice III .....	497
Apéndice IV .....	501
Apéndice V .....	505
Apéndice VI .....	511
Apéndice VII .....	515
Apéndice VIII .....	525
Apéndice IX — Poemas dispersos da matura idade .....	529